

PRÓLOGO

Uma Introdução em Cinco Partes

I

Capuchinho! — chamou a sua mãe no tom ligeiramente agastado que costumava adotar naquela altura do dia e ao qual a rapariga já se habituara; aquela cadência necessária para uma voz se fazer ouvir no meio dos badalos das ovelhas, do cochinar dos porcos a serem conduzidos ao avelal e do burburinho geral da aldeia ao princípio da tarde. — Capuchinho!

A jovem encapuzada suspirou, revirando os olhos e sacudindo de forma contrariada as pernas de meias brancas que oscilavam sobre o rio, roçando com os sapatos pretos os juncos sobre os quais as libélulas dançavam. Já sabia que não valia a pena fingir que não ouvira, mesmo encontrando-se ao lado da azenha enquanto as pás chapejavam na água. Não àquela hora, quando os rapazes começavam a voltar da debulha com os sacos de trigo aos ombros e as camisas ensopadas coladas aos corpos, emanando um odor redolente no ar polvilhado de flocos dourados que cintilavam ao sol...

— *Capuchinho!*

Soltando um suspiro resignado, a rapariga apoiou-se com as mãos na margem e levantou-se, sacudindo a relva seca do seu capeirote vermelho e ajustando à cabeça o capuz da mesma cor. Sem mais delongas, encaminhou-se para casa, sentindo sobre si os olhares dos homens da aldeia, enquanto caminhava cabisbaixa e com o rosto praticamente ocultado pelo capuz, sem nunca erguer o olhar da terra batida e lavrada pelas rodas das carroças. Contudo, nem por isso os sussurros e murmúrios lhe passavam despercebidos.

— *Está a pôr-se guapa, a franga...*

— *Eu estou para ver o que é que não há de sair dali...*

— *Se não vai lá o meu filho, qualquer dia ainda vou lá eu...*

Capuchinho estugou o passo e corou, baixando a cabeça e ensombrando mais ainda o rosto, que quase parecia mesclar-se com o vermelho do capuz — uma prenda algo bizarra que a avó lhe dera por ocasião das suas primeiras regras. Ao contrário da mãe, que quase entrara em pânico ao ver as manchas vermelhas nas suas meias, a sua avó julgara a ocasião digna de ser assinalada com um presente.

— Capuchinho! — tornou a mãe a gritar, olhando em volta da porta da sua casa, sem contudo lóbrigar a filha no meio da multidão.

— Estou aqui, mamã — anunciou a rapariga com enfado na voz, erguendo a cabeça para se fazer ouvir melhor por entre o cacarejar das galinhas, que se afastaram dos seus passos apressados.

— Oh, aí estás tu! — exclamou a mulher de touca e avental, levando as mãos às ancas e olhando à vez com ar reprovador para todos os homens que se encontravam por perto, numa acusação implícita e generalizadora de que todos tinham estado a observar a filha. Cabisbaixa, Capuchinho não o viu, mas o som de homens a encontrarem repentinamente algo diferente para fazer mereceu um outro suspiro da rapariga, que apenas se empertigou ao sentir um aroma a bolos acabados de sair do forno.

A sua mãe encostou-se à aduela e gesticulou-lhe para que se despachasse, lançando um nada amigável último olhar à população masculina da aldeia, antes de fechar a porta de forma ostensiva. Capuchinho puxou o capuz para trás e libertou a cabeleira ruiva, acompanhando com a cabeça as contrações quase leporinas do seu nariz sardento ao deliciar-se com a fragrância dos bolos que fumegavam sobre a mesa da sala.

— Sim, mamã? — perguntou a rapariga com um sorriso desarmante. — Querias alguma coisa?

A camponesa abanou a cabeça com os lábios comprimidos e ar de quem não se deixava enganar, mas não se lançou numa das suas habituais arengas de mãe-galinha, indicando à filha que a seguisse, enquanto se dirigia à mesa para colocar alguns bolos num cesto de vime.

— Disseram-me que a tua avozinha não anda bem de saúde, coitadinha — informou a mãe de cenho tristemente franzido, abanando novamente a cabeça. — Por isso, vais ser uma boa menina e levar-lhe estes bolinhos... e aquele pote de manteiga, se fazes favor.

Capuchinho foi obedientemente buscar o referido pote ao canto da mesa, passando-o à mãe para que esta o enfiasse dentro do cesto, que então cobriu com um alegre pano bordado.

— Levas-lhe estes bolinhos com manteiga, então, dás-lhe um beijinho meu, ficas um pouco com ela e depois voltas para casa. Está bem?

— Sim, mamã.

— Mas nada de andares ali a rondar a azenha, ouviste? — advertiu-a a mãe com um firme indicador diante do rosto. — E põe-me logo esse capuz assim que saíres!

Capuchinho revirou os olhos uma vez mais.

— Ai ainda respingas? — repreendeu-a a mãe, tornando a plantar os punhos nas ancas e encolhendo os ombros a cada uma das subsequentes indagações: — Tu achas que faço isto porque gosto? Achas que quero? Achas que eu te dizia isto se não fosse para o teu próprio bem? Hum?

A rapariga desviou o olhar em resposta. A mãe resfolegou, abanou a cabeça e dirigiu-se à janela de vidros baços, da qual jorrava um poeirento raio de luz amarelada.

— Já não és uma menina. És uma mulher — lembrou, cruzando os braços e observando as figuras turvas que se viam no exterior através do vidro. As palavras pareciam sair-lhe com uma dificuldade à qual Capuchinho não ficou indiferente e a rapariga pegou no cesto e puxou o capuz para a frente em antecipada obediência. O gesto mereceu-lhe um sorriso da mãe, que tornou a olhar para a rua. — As coisas agora já não são como dantes e tu vais ter de passar a ter cuidado com...

O fecho de luz que manava da janela foi subitamente cortado, como se uma espessa e negra nuvem tivesse tapado o Sol à sua passagem, privando o interior da casa do calor de forma tão repentina que mãe e filha sentiram um arrepio. A primeira chegou mesmo a arquejar, levando a mão à boca, quando a súbita sombra se afastou e deu lugar a uma luz cinzenta que a banhou como se filtrada através de teias de aranha húmidas e poeirentas.

— ... com os lobos...

— O quê? — perguntou Capuchinho, que mal ouvira as palavras mussitadas pela mãe. — Mamã...?

Os ombros da mulher tinham começado a estremecer e a mãe de Capuchinho pareceu abafar com a mão um plangente gemido que ameaçara escapar-se-lhe da boca.

— Mamã? — repetiu a rapariga com um tom preocupado na voz, pousando o cesto na mesa e dirigindo-se à mãe, que deu a ideia de esfregar rapidamente os olhos e o nariz antes de se virar para a sua filha com os olhos claramente humedecidos e um deveras forçado sorriso na cara. — Mamã, o que foi?

— Nada, filhinha, nada... — disse a mulher, afagando o rosto da filha debaixo do capuz antes de abraçá-la, como se quisesse evitar o contacto visual. — Estou só preocupada... a tua avó... disseram-me que não está bem, e ela... coitada, sabes como está velha...

Tomada de surpresa por tão efusiva demonstração de afeto, Capuchinho deixou-se afagar e abraçar, arregalando os olhos castanhos, enquanto a mãe lhe beijava a cabeça encapuzada, murmurando-lhe desconexas palavras tranquilizadoras que apenas a deixavam mais confusa.

— Agora vá... — acabou a mulher por dizer, afastando a filha e ajeitando-lhe a orla do capuz à cara como se estivesse a emoldurá-la, fungando e sorrindo com lábios trémulos. — Vai lá levar os bolinhos à tua avó... tu sabes como ela gosta que a visites... fica sempre tão... tão...

Incapaz de olhar Capuchinho de frente, a mãe dirigiu-se à mesa, pegou no cesto e meteu-o nas mãos da filha, cujo braço então agarrou para praticamente a arrastar até à porta.

— Mamã... está tudo bem?

— Oh, tudo... está tudo bem, minha querida... — afiançou a mulher, antes de a abraçar novamente, desta vez com mais força. — Nunca te esqueças de que a tua mãe gosta muito de ti, ouviste?

Perplexa, a rapariga nem soube o que dizer, mas ainda que soubesse não teria tido tempo para o fazer, pois a mãe tornou a afastá-la e esticou o braço para o puxador e para o ferrolho, tudo de forma tão repentina que Capuchinho não conseguiu sequer reagir ao ser praticamente empurrada porta fora.

— Adeus, minha querida...

A jovem nem ouviu a última palavra, pois a porta fechou-se ruidosamente atrás dela, deixando-a uma figura solitária e contrastante com a atmosfera do exterior, no qual o vermelho-vivo do seu capote sobressaía de forma igualmente viva no ambiente daquela tarde cinzenta. O céu plúmbeo pesava sobre as cabeças dos aldeões e dos animais, que caminhavam com elas inclinadas, enquanto se arrastavam sem rumo pela rua lamacenta. Capuchinho abraçou-se ao cesto, hesitante, e olhou por cima do ombro para a porta fechada, do outro

lado da qual a sua mãe deslizava de costas até ficar sentada no chão, com o rosto contorcido num esgar de dor que não ousava verbalizar: os seus lábios estavam repuxados sobre os dentes numa careta da qual não saiu qualquer som. Desolada, a mulher cobriu a cara com as mãos, soluçando em silêncio enquanto a filha se fazia ao caminho, estranhando a atitude da mãe, mas conformada com a situação, certa de que ela se iria acalmar após saber que a avó tinha recebido os bolos e que já se sentia melhor. Toda a gente ficava a sentir-se melhor após comer os bolos da sua mãe...

— Oh! — exclamou a rapariga com o encontrão que recebeu de um almocreve, cuja mula orneou de forma hostil, arreganhando-lhe os dentes quase tão amarelados quanto os do dono, que, por sua vez, grunhiu algo desagradável ao afastar-se e deixou Capuchinho com a distinta sensação de que tinha ficado suja só de lhe tocar.

Os seus sapatos pretos afundavam-se na lama mesclada com estrume, dificultando-lhe o caminho até à ponte da azenha, da ponta oposta da qual partia o trilho bifurcado que a levaria pelo bosque até à casa isolada da sua avó. O outro ramal levava aos campos, dos quais os rapazes regressavam após aquele que dir-se-ia ter sido um dia de trabalho árduo e pouco frutífero, a avaliar pelos seus semblantes carregados, mas nem por isso menos suados. O odor hircoso do seu esforço ofendeu as narinas de Capuchinho, quando ela se cruzou com eles na ponte, baixando a cabeça e mudando o cesto para o braço direito, como se receasse que alguém lhe tirasse os bolos. Vergados pelas sacas de trigo que traziam às costas, os moços olharam-na como garanhões refreados, o que a fez estugar o passo e cobrir a face com a mão direita como se pretendesse ajeitar o capuz, sem nunca tirar os olhos do chão. A sua mãe tinha razão: eram todos uns javardos, tanto eles como os pais, e ela já não era uma criança. Tinha realmente de ter atenção sempre que estivessem por perto e, naquele momento, a proximidade deles causou-lhe um desconforto tal que a rapariga picou o passo para os deixar para trás o quanto antes.

O odor do grupo parecia ter-se tornado mais intenso à sua passagem e Capuchinho exalou pelo nariz, esfregando as narinas com a mão com a qual resguardara o rosto corado. Olhou para o céu cinzento, no qual já se divisava um fantasma da Lua, embora ainda faltassem algumas horas para anoitecer, mas a sua atenção foi desviada pelo ruído seco de madeira a ser falqueada. Ao longo do trilho, trabalhava uma meia dúzia de lenhadores com catadura sórdida e carrancuda, cujos grunhidos acompanhavam as descompassadas machadadas, e Capuchi-

nho achou por bem não chamar a atenção para a sua presença. Tornou a pizar o passo ao avançar pela estrada fora, caminhando quase colada ao lado oposto, e já deixara quatro dos homens para trás quando, de repente, sentiu ao ouvido um deslocamento de ar demasiado repentino para ser do vento.

A rapariga arquejou de susto, levando a mão ao peito ao afastar-se com um tropeção da beira da estrada, onde julgou ver uns arbustos mexerem-se no meio da quietude geral da vegetação. Com o coração aos pulos nos ouvidos, Capuchinho olhou em redor, enquanto recuava mais uns passos até ao meio do trilho, mas os arbustos quedaram-se imóveis e não houve qualquer outro movimento a não ser atrás de si, quando os lenhadores interromperam o seu trabalho e se viraram para olhar na sua direção. A forma como a fitavam nem podia sequer ser descrita como lúbrica, pois não parecia haver vida por detrás dos seus olhos aguados e as suas bocas com lábios inferiores descaídos não aparentavam ser capazes de articular sequer as palavras torpes que porventura lhes pudessem ocorrer. Capuchinho recompôs-se e, olhando uma última vez para os arbustos, retomou o caminho sem dar qualquer atenção aos lenhadores, cujas cabeças foram girando enquanto acompanhavam cada passo da rapariga até esta desaparecer numa curva do trilho.

Invisas, um par de pupilas castanhas observavam por detrás da sombra dos arbustos, cujas folhas tremeram com a vibração de uma rosnadela cavernosa antes de serem sacudidas num súbito frufu quando os olhos desapareceram.

Quando, por fim, chegou a casa da avó, já a orla do manto da noite roçava o céu, ameaçando um anoitecer antecipado com o qual Capuchinho não fizera conta. Do bosque, vinha o canto das corujas em tom de advertência, como que a dar-lhe a entender que não devia estar ali a tais desoras. A rapariga não abrandara desde o susto no trilho, olhando frequentemente para trás com medo de estar a ser seguida, enquanto caminhava com apressados passos curtos, e, embora não tivesse tido qualquer outro sobressalto, lançou-se a correr até à porta do modesto casebre. Bateu três vezes em rápida e ruidosa sucessão e nem esperou sequer pela voz da avó, agarrando a rodela de cortiça dependurada de um fio à altura da fechadura e puxando-a para abrir o ferrolho no interior.

Uma vez dentro da casa, fechou a porta atrás de si e encostou-se a ela com um braço sobre o ferrolho e o outro a segurar o cesto,

ofegando de alívio e haurindo o odor bafiento da escura habitação, na qual pairava um cheiro a pelo de cão molhado. A única fonte de luz era uma vela plantada num castiçal com revérbero que a sua avó tinha sobre uma cadeira à cabeceira da cama, e que a revelava como uma máscara de rugas por entre uma touca e lençóis brancos e uma colorida colcha de retalhos.

— Então, filha? — perguntou a senhora com a sua voz decrépita.

— Agora entra-se assim na casa das pessoas?

— Vovó... — lufou Capuchinho. — Eu... desculpe... estava só... a minha mãe, ela mandou-me... — Ergueu o cesto à falta de fôlego. — Trago-lhe uns bolinhos.

— Mas que querida... — Houve movimento debaixo das camadas de lençóis e cobertores que a cobriam quando a avó plantou as mãos no colchão, empurrando a almofada para cima com os ombros e encostando-se à cabeceira da cama. — Chega aqui...

— Os meus sapatos estão... um pouco sujos, vovó...

— Deixa estar, filha. Anda cá ter com a tua avó.

Respirando fundo, a rapariga sorriu e assim fez, puxando o capuz para trás e acercando-se da avó. Não parecia doente, reparou, antes pelo contrário: os seus encovados olhos castanhos estavam tão vivos e atentos como sempre e as coriáceas mãos manchadas tinham os dedos de unhas fortes fincados na orla do cobertor com o vigor e a firmeza de quem ainda era capaz de esfolar os seus próprios coelhos. A anciã tinha bigode e pelos no queixo, uma dentição de fazer inveja a muitas mulheres com metade da sua idade e um nariz e orelhas descaídos que sempre tinham surpreendido pelo olfato e audição apurados, sobretudo a última. Ao passo que a maior parte das idosas da aldeia eram já duras de ouvido, a avó de Capuchinho muitas vezes surpreendera a neta, dizendo-lhe que entrasse antes de ela ter sequer batido à porta.

— A mamã contou-me que a vovó estava doente... — disse a rapariga debaixo do atento escrutínio daqueles olhos castanhos, segurando o cesto com ambas as mãos pela asa e detendo-se ao lado da cama.

— Oh, tu sabes como são essas vossas gentes... — desdenhou a avó com um gesto da mão e fechando os olhos numa careta de enfado. — Sempre a dizerem mal da tua pobre avó, que ela é isto, que ela é aquilo...

Capuchinho fez que sim com a cabeça, embora a verdade fosse bem diferente. Quando muito, as gentes da sua aldeia evitavam falar da velhota que vivia sozinha nos bosques, referindo-se a ela sempre num tom de voz respeitoso a roçar o medo. A rapariga nunca compreendera

porquê, mas havia momentos como aquele, quando a avó tornou a fixá-la com aqueles seus olhos, em que conseguia imaginar que uma pessoa que não a conhecesse pudesse sentir-se pouco à vontade na sua presença. Era um olhar fero e febril na sua intensidade, acompanhado sempre por uma contração do seu nariz grande e descaído, como se a mulher estivesse a tentar cheirar as emoções da pessoa que fitava. Já por várias vezes tinham dito a Capuchinho que herdara esse mesmo tique da avó, embora nunca se tivesse dado verdadeiramente conta disso.

— A vovó quer um bolinho? — perguntou Capuchinho, erguendo o cesto ao de leve. — Estão muito bons...

— Não tenho fome, minha querida. Deixa o cesto ali — disse a avó, apontando para uma prateleira com o indicador e fazendo seguidamente sinal com ele para que a neta se aproximasse. — E anda cá deitar-te com a tua avó, que já se faz tarde e a noite vai ser fria.

Capuchinho hesitou, mas deu por si a descalçar os sapatos e a desatar o cordel do capeirote, enquanto a avó a observava. De facto, anoitecera mais cedo do que esperava e passar a noite com a avó era preferível a voltar para casa pelo bosque já escuro, sobretudo depois do susto que apanhara a caminho.

— Estás feita uma mulherzinha... — elogiou a anciã ao ver as formas que começavam a desabrochar debaixo da camisa branca da sua neta quando esta despiu o vestido, o que a fez corar. — Vá, anda cá deitar-te com a tua avó...

Capuchinho tirou as meias e levantou delicadamente o lençol, estranhando o cheiro a terra molhada e relva seca com que a cama a bafejou, e a avó, que acompanhava atentamente cada movimento seu, deu-se conta do gesto de hesitação.

— Passa-se alguma coisa, minha querida...? — perguntou com uma voz que pareceu ranger através de uma cana velha.

— Não... não é nada — disse a rapariga, entrando na cama e aconchegando-se ao lado da avó, com a qual não estabeleceu contacto visual embora sentisse os olhos dela fitos em si. — Vovó... a minha mãe chorou quando me disse para a vir visitar. Porque é que a minha mãe chorou, vovó?

A mulher hesitou.

— Oh, minha querida filha... — acabou por dizer, afagando os cabelos ruivos da neta com os dedos calejados, que neles produziram uma impressão desagradável. — Isso é uma história muito antiga que só eu e a tua mãe conhecemos...

— Que história, vovó? — indagou Capuchinho ao sentir o peso do olhar da avó desviar-se para o vazio, o que a levou a virar o rosto para a fitar.

— A história de uma menina que nasceu numa noite de lua cheia e cujo pai idiota se esqueceu de pendurar um raminho de tramazeira sobre a porta, embora dissesse que o tinha feito... — contou a avó com uma voz distante, continuando a olhar para o vazio, mas sem parar de repuxar os cabelos da neta com as suas ásperas carícias. — A história de uma menina que cresceu e que, quando a Lua a fez chorar entre as pernas, eu soube pelo cheiro que o pai da menina tinha mentido...

Capuchinho franziu a testa, quando a avó lhe puxou uma nesga de cabelo com demasiada força e, ao olhar para a mão, reparou que o braço fino e enxuto tinha as veias empoladas e os tendões retesados debaixo dos pelos que se eriçavam.

— Vovó... está a fazer muita força.

— É para te abraçar melhor, minha querida — disse a mulher, envolvendo o pescoço da neta com um abraço e acariciando-lhe a face com a outra mão. — A história é muito triste, mas a vida é assim mesmo. Alguma vez te contaram histórias sobre o Lobo?

O Lobo. O imaginário de Capuchinho e de boa parte das crianças da aldeia sempre fora povoado pelo que os estrangeiros e visitantes contavam acerca da temível fera que, dizia-se, rondava a região, embora nunca tivesse havido relatos de ataques na comunidade.

— Contaram, não contaram? — praticamente afirmou a avó, pegando na cara da neta com ambas as mãos e virando-lha como se pretendesse ouvir dela uma confidência. A orelha dela pareceu... mexer-se. — Diz-me lá o que te contaram...

— Vovó... — disse a rapariga, sentindo a proximidade das unhas dos polegares junto aos seus olhos. — A sua orelha...

— É para te ouvir melhor, minha querida... — justificou a mulher com uma voz algo alterada, como se o alongamento das suas orelhas lhe estivesse a repuxar os cantos da boca. — Sabes, sempre ouvi dizer que o Lobo gostava de ter uma casa limpa, um covil pacífico onde pudesse estar sossegado, e que foi por isso que ele nunca atacou ninguém da aldeia. Ninguém, a não ser o idiota do teu pai, claro...

— Vovó... está a assustar-me... — disse Capuchinho ao ver o brilho selvagem nas pupilas castanhas que a fitavam. — Os seus olhos...

— É para te ver melhor, minha querida... — salvou a avó dos cantos da boca, que estavam agora claramente a alongar-se à medida

que a face perdia as rugas, a pele se ia esticando sobre o crânio e os dentes pareciam estar a lutar por espaço entre si.

— Vovó! — gritou a rapariga, estrebuchando e caindo cama fora ao conseguir libertar-se das mãos. Estatelou-se de lado no chão e rastejou de costas para longe com movimentos ofegantes, enquanto a avó se colocava de gatas sobre o colchão, rasgando cobertores e lençóis com as unhas que agora mais pareciam garras.

— Vovó, o que é isso?! — gritou Capuchinho, agora verdadeiramente assustada.

— O teu legado, minha querida... — soou aquela que era a voz da sua avó, embora a bocarra lupina provida de medonhas presas da qual saiu não devesse ser capaz de a articular. As garras da pata que outrora fora uma mão fizeram clique nas tábuas do soalho quando a criatura desceu da cama para o chão, de dorso curvado como o de um predador a tocar a presa. — Aquilo que tu poderias ser, mas esta região é demasiado pequena para nós as duas.

Com uma agilidade que a surpreendeu, Capuchinho pôs-se de pé com um golpe de rins e um pulo, lançando-se a correr para a porta aos tropeções, mas o vulto maciço e peludo galgou a distância da cama até à entrada com uma cavernosa rosnadela, postando-se diante dela de colmilhos ameaçadoramente arreganhados. A rapariga deteve-se com o branco dos olhos bem visível, cruzando os braços sobre o peito num gesto arrepiado e recuando quando o monstro que era a sua avó começou a avançar.

— A tua mãe teve esperança até ao fim, mas, assim que cheirei as tuas primeiras regras, eu soube-o — prosseguiu a voz da sua avó, que desafiava as regras da natureza ao sair daquelas monstruosas mandíbulas que se moviam. — A prenda que te dei foi para te marcar, minha linda, para que aqueles parolos soubessem que não te deviam tocar, não fosse algum rapaz despertar a fera em ti...

— Vovó... porque é que está a fazer isto...? — começou a rapariga a chorar, recuando até chegar à parede.

— Porque é assim que tem de ser — roncou a criatura, assumindo pela primeira vez um tom verdadeiramente animalesco. Toda ela parecia dentes ao aproximar-se de Capuchinho, embora os olhos castanhos da sua avó continuassem a destacar-se naquele focinho que de humano nada tinha. — Porque, se não tivesses vindo, se a tua mãe te tivesse escondido, se tivesse fugido contigo para outro lado, eu teria matado toda a gente na tua miserável aldeia e depois ter-vos-ia encontrado às duas em qualquer lugar. Sabes porquê?

A rapariga apenas conseguiu abanar a cabeça e balbuciar algo incoerente com os lábios trémulos enquanto chorava. O hálito quente e húmido da criatura já lhe bafejava os cabelos e ela tentou em vão fundir-se à parede para manter a distância, encostando o rosto de olhos fechados à madeira.

— Porque um lobo nunca esquece onde nasceu e tu irias acabar por voltar. E, como já disse, esta região é demasiado pequena para nós as duas.

— Vovó... por favor... — chorou Capuchinho de olhos cerrados.

— Não te preocupes, criança. Vai ser tudo muito rápido... — assegurou-lhe a avó num tom mais tranquilizador, parecendo sorrir ao apartar as enormes mandíbulas diante da cara da neta.

Os temíveis dentes estalaram com o fechar da boca em sobressalto quando a porta foi ruidosamente arrombada, arrancando um grito a Capuchinho, que escorregou pela parede e se encolheu no chão. A criatura ladrou e virou-se para trás, vendo a silhueta de um homem assentar o desequilibrado pé dianteiro no chão, cujas tábuas ressoaram com a sola da grossa bota. Vinha munido de uma escopeta na qual o luar se refletia e cada movimento seu era acompanhado pelo ranger de correias e o tilintar de fivelas.

— Filha da puta! — gritou em triunfo através da sua barba cerrada. — Apanhei-te!

O bicho fora descuidado, deixara finalmente uma pista que o caçador conseguira seguir e pareceu aperceber-se disso mesmo, pois a sua reação foi arremeter contra o recém-chegado com uma rosnadura e um cainhar agudo de gelar o sangue. O homem não hesitou, assestou a escopeta no monstro e disparou, alumando a sala por um instante com o clarão e fazendo com que Capuchinho levasse as mãos aos ouvidos e gritasse novamente. O tiro foi limpo, entrando pelo palato da bocarra hiante e saindo pela nuca num estouro de pelo, sangue e miolos. O impacto da bala impeliu a cabeça da criatura para trás ao mesmo tempo que o ímpeto do pulo lhe propelia o resto do corpo, o que a fez girar em pleno ar antes de baquear morta no chão sem emitir qualquer outro som.

Sacudindo a nuvem de fumo acre que o disparo deixara, o caçador avançou, largou a escopeta e sacou de uma pistola carregada que trazia à cintura, mas tal precaução provou ser desnecessária: o Lobo estava morto, jazendo de boca aberta e com a língua lassamente estendida sobre uma poça do seu próprio sangue.

Satisfeito e aliviado, o homem cuspiu para o lado e voltou a sua atenção para a rapariga encolhida numa posição fetal contra a parede, notando que ela tremia como se sacudida por um paroxismo.

— Não tenhas medo, pequena — disse o caçador, enfiando a pistola no coldre e dando um passo por cima da carcaça. — O bicho está morto.

Capuchinho não respondeu, agora praticamente caída de lado no chão e tremendo com convulsões que a faziam emitir ruídos sufocados através dos cabelos que lhe cobriam o rosto. O caçador não pensou sequer no que faria ali uma rapariga sozinha e meio despida e foi ao seu encontro, ajoelhando-se diante dela e estendendo a mão para lhe tocar no ombro.

— Então? Que tens tu? — perguntou. — Já te disse que o bich—

Assim que as pontas dos dedos enluvados lhe roçaram o braço, Capuchinho surpreendeu o caçador, atirando-se à sua garganta com uma rosnadela e agarrando-se a ele com braços e pernas ao derrubá-lo. O homem não teve tempo de reagir, nem conseguiu emitir som algum com os dentes da rapariga a esmagarem-lhe a laringe, dilacerando-lhe a garganta, enquanto sacudia selvaticamente a cabeça, até que, com um brutal repelão, arqueou o pescoço para trás e lhe arrancou a traqueia. A camisa branca de Capuchinho foi esguichada por um repuxo de sangue que o caçador tentou debalde estancar com ambas as mãos, careteando, sufocado, enquanto se contorcia no chão e a barba se ensopava com as golfadas vermelhas que lhe escapavam por entre os dedos. A rapariga afastou-se e encostou-se novamente à parede com o queixo a escorrer escarlata, que também lhe esborratava a boca e tingia os dentes, e ficou a observar o moribundo com um brilho ferino nos olhos, sentindo um regozijo quase sensual ao vê-lo vasquejar e bater com os calcanhares nas tábuas do soalho.

Porém, o sabor a cobre líquido na sua boca não tardou a sobrepujar os sentidos da rapariga, que levou a mão à cara e vomitou em seco, arregalando então os olhos quando o brilho animal neles se apagou, dando lugar a um terror baço. A enormidade de tudo o que acabara de acontecer encostou-a forçosamente à parede, como se alguém a tivesse empurrado pelos ombros, e Capuchinho passou as mãos pelo sangue quente e pegajoso que lhe escorria do queixo e lhe colava a camisa ao corpo. O sangue do homem que matara a sua avó e que agora jazia de garganta arrancada, a sua avó... a horrível criatura em que a sua avó se transformara e que agora reassumia a enfezada e desnuda forma humana, com garras a darem lugar a mãos

manchadas e correntas e o focinho lupino a reverter para a cara enrugada que a rapariga sempre conhecera.

Por sua vez, o corpo de Capuchinho foi sacudido por uma outra convulsão que a obrigou a plantar as mãos no chão para não bater de cara contra o soalho. Pôde então ver como as suas unhas pareciam estar a crescer e como os tendões das mãos se retesavam, fletindo-lhe os dedos e fazendo com que arranhasse as tábuas, produzindo nela uma impressão que lhe arrepiou os pelos que se eriçavam nos seus braços.

O teu legado, minha querida, ouviu a voz da sua avó dizer. *Aquilo que tu poderias ser...*

— Não... — murmurou a rapariga, sacudindo os cabelos ao abanar a cabeça, sobre a qual sentia a pele começar a esticar-se. — *Não!*

O grito saiu-lhe num tom alterado, pois o nariz achatava-se sobre o maxilar superior e os colmilhos que lhe cresciam na boca atrapalharam-lhe a articulação das palavras. Sentiu dor quando os ossos começaram a ranger e os músculos se estiraram para além dos limites que Capuchinho lhes conhecia. A sua racionalidade viu-se então submersa debaixo de uma vaga de medo e algo mais: algo que chamava por ela, algo que lhe atraiu o olhar para o facho argênteo que a Lua vertia através da porta arrombada, algo que dela arrancou um som que tinha tanto de grito de terror como de uivo primordial e que fez com que se lançasse numa corrida desenfreada para o exterior.

Agora sim, estava livre.